



## DIA DO ILCH

### PRESIDENTE REALÇA AS “COISAS BOAS DE UM ANO PÉSSIMO”

No 45º Aniversário do ILCH, a 17 de dezembro, Isabel Ermida começou por assinalar as muitas dificuldades que o “annus horribilis” de 2020 trouxe à Escola e à Universidade, entre as quais paralisção, incerteza e desmotivação. Todavia, fez notar que a experiência do confinamento trouxe também coisas positivas. Por exemplo, revelou a flexibilidade, o poder de adaptação e a capacidade de superação de toda a comunidade do ILCH face às difíceis condições de trabalho e aos desafios do ensino e da investigação à distância. Dando destaque ao diálogo e à concertação entre todas as Escolas e a Reitoria, louvou também os colegas que assumiram cargos de gestão pedagógica e académica nesta “tormenta”, num esforço conjunto por “manter viva e unida a Universidade”. Agora, concluiu, é tempo de olhar 2021 com confiança. [\[VÍDEO\]](#)



### REITOR PREVÊ “MAIS ALTOS VOOS” PARA O ILCH

Rui Vieira de Castro afirmou que o ILCH possui “uma oferta educativa diversa, completa e com importantes elementos de renovação”, “resultados cada vez mais sólidos no recrutamento de estudantes”, “uma investigação sólida e reconhecida” e uma “interação com a comunidade assente em estruturas e projetos consolidados”. Em jeito de prognóstico avançou: “Estas quatro décadas e meia a criar conhecimento vão ter continuidade e vão ter condições de serem aprofundadas”. Concluiu, dizendo que o ILCH “permite aspirar a mais altos voos”. [\[VÍDEO\]](#)



### CURSO DE CINEMA NO ILCH

Reforçando a tônica de otimismo que imprimiu à sua mensagem, Isabel Ermida referiu que “é em momentos de grande crise que surge um impulso igualmente grande de renascimento e renovação”. Neste sentido, exprimiu o desejo de “trazer mais uma arte, a sétima” para o leque de licenciaturas do ILCH, pretendendo fazer “uma proposta válida, com pernas para andar”. A isto, o Reitor respondeu, em entrevista à RUM, que “faz todo o sentido” as Escolas “projetarem novos projetos de ensino, procurando diversificar a sua oferta”. Mas foi lembrando que “depois, depende muito da forma como ela possa ser materializada”. [\[ARTIGO e VÍDEO\]](#)

### PROPOSTA MUSICAL EXALTA LETRAS, ARTES E HUMANIDADES

Uma peça inédita, criada expressamente para celebrar a natureza humanista, literária, linguística e artística da nossa Escola, foi interpretada por alunos da Licenciatura em Música e do Mestrado em Ensino da Música do IE, sob coordenação de José Tedim, Vice-Presidente da AAUM. A soprano convidada, Ana Paula Matos, cantou “Dia a Dia” ao som de um conjunto de cordas, constituído pelos alunos Francisco Madureira, Francisco Pinto, Mariana Fernandes e Afonso Madureira (no violino), Carlos Monteiro e Diana Ribeiro (na viola de arco) e Mariana Alte da Veiga (no violoncelo). [\[VÍDEO\]](#)



### DEZ ALUNOS DECLAMAM POEMAS EM DEZ LÍNGUAS

Uma dezena de poemas em torno da definição de Arte Poética e do que significa ser poeta foi selecionada por docentes e diretores de curso ligados a dez das línguas ensinadas no ILCH. O resultado foi um conjunto de declamações, gravadas em vídeo em locais variados do campus de Gualtar, que ilustram a riqueza multilingue da nossa Escola e reafirmam a sua vocação orgulhosamente literária e multicultural.



### ESTUDOS ORIENTAIS MARCADOS POR DANÇA CHINESA

“Ritmo e Melodia” [\[VER\]](#) foi o belíssimo número de dança que a aluna Liu Chang, do Mestrado em Estudos Interculturais Portugueses/Chinês, interpretou na cerimónia.



### TEATRO ENCENA AS DEFINIÇÕES DOS OUTROS

Um excerto da peça “Dicionário”, de José Maria Vieira Mendes, foi interpretado pelos alunos de Teatro, sob encenação de Vítor Hugo Pontes [\[VER\]](#). Um aluno em palco interagiu virtualmente com diversos outros, em vídeo, numa crítica às opiniões e definições alheias que, como num dicionário, pressionam os indivíduos a corresponder a elas.



## MESTRADO EUROPEU CLASSIFICADO COMO EXCELENTE



Espanha, Polónia, Itália, Hungria e, também, da África do Sul).

Avaliado anualmente pela Agência EACEA (*Education, Audiovisual and Culture Executive Agency*) da União Europeia, o relatório de progresso referente ao ano letivo 2019/2020 teve avaliação de 91/100. Assim, está de parabéns a Comissão de Curso, presidida por Idaete Dias (DEGE-ILCH), e integrada por Álvaro Iriarte (DEPL) e José João Almeida (DI – EENG), pelo excelente trabalho desenvolvido e pelo reconhecimento que a avaliação confere.

O Mestrado Europeu em Lexicografia (EMLex), a funcionar como Programa Erasmus Mundus de 2015 até 2024, é um mestrado internacional oferecido pelo ILCH em cooperação com diversas universidades estrangeiras (da Alemanha, França,

## WORKSHOP SOBRE ENSINO DO PORTUGUÊS

Decorreu nos dias 7, 9 e 11 de dezembro o ‘workshop’ *online* promovido pelo grupo de Linguística Teórica e Experimental do CEHUM, sobre “Linguística e Ensino: Fábrica de Materiais Didáticos – Gramaticoteca”. A convidada, Eloisa Pilati, da Univ. de Brasília, contou com a presença de 101 participantes na plateia virtual, oriundos de seis países (Portugal, Brasil, Finlândia, Líbano, Espanha e Argentina). A organização esteve a cargo de M<sup>a</sup> do Carmo Lourenço Gomes, investigadora do CEHUM.



## OPINIÃO

No mês em que faleceu Eduardo Lourenço (1923-2020), figura maior do pensamento e das letras em Portugal, pedimos a dois professores e investigadores do ILCH que escrevessem uma brevíssima reflexão sobre o seu legado, do ponto de vista duplamente filosófico e literário.

### SUJEITO E HETERODOXIA EM EDUARDO LOURENÇO

Por: Pedro Miguel Martins (Dep. Filosofia)

A obra de Eduardo Lourenço representa, à sua maneira, o melhor da tradição europeia ensaística: um género literário que, recusando sistemas e dogmatismos, envolve processos eminentemente pessoais, livres e interrogativos de articulação do pensamento e sua expressão. Ao invés de construir um sistema filosófico, importava, para o ensaísta, perscrutar o sentido dos acontecimentos da história (portuguesa) contemporânea, das suas diversas formas culturais e políticas, mas em especial dos seus mitos fundadores (saúde, império, nação, lusofonia, etc.).

Numa época de crescente especialização académica, o autor de *O Labirinto da Saudade* foi um dos poucos intelectuais cuja intervenção assumiu um sentido totalizante e não estritamente sectorial. Seria, assim, difícil classificar a sua obra numa única área científica das humanidades. Mas o que hoje seria encarado como uma fragilidade à luz de certos cânones académicos (ou administrativos) constituiu porventura uma das suas principais virtudes. Dir-se-ia que os seus cativantes ensaios resultam de “interseções” fecundas entre filosofia, cultura, análise literária, política, história, arte e mitologia. Nada do que é humano lhe é estranho. Ser português e/ou europeu – tema tão finamente explorado nos seus ensaios – era, aliás, um dos modos de ser humano e constitutivo da sua própria identidade.

Todavia, a marcante influência das filosofias existencialistas – sobre as quais escreveu, com profundidade, páginas antológicas (*Heterodoxia I* e *Heterodoxia II*) – permite compreender traços recorrentes nos seus escritos, tais como o estudo da literatura como meio expressivo por excelência de ideias filosóficas e o distanciamento crítico em relação às ortodoxias filosófico-ideológicas (marxismo, salazarismo, catolicismo, racionalismo, etc.). A expressão feliz de José Gil, “Ensaísmo Trágico”, faz justiça ao sentido agónico da obra de Eduardo Lourenço e ao contexto de desencantamento do mundo em que foi escrita. Nessa medida, correndo o risco de simplificar, sustentamos que o seu pensamento reflete o retorno da noção de sujeito, através da sua imagologia e dos seus dramas insuperáveis, embora, frequentemente, sob uma forma coletiva/construída/imaginada (Portugal).

O ensaísmo de Eduardo Lourenço pode ser considerado o mais marcante e original do nosso século XX. Mesmo algumas das suas interpretações e generalizações discutíveis – pelo seu teor potencialmente essencialista – são fecundas e valiosas heurísticamente, na medida em que constituem hipóteses falsificáveis pelos estudos sociológicos e históricos. O pensador nunca incorreu no impressionismo especulativo (por exemplo, em relação à “portugalidade”) e delimitou sempre, honestamente, o seu *corpus* de análise. Cremos que, doravante, será homenageado da melhor forma: através da leitura (fonte de prazer imediato, não apenas de ensinamentos) e da análise contextualizada, sistemática e aprofundada da sua obra.



### EDUARDO LOURENÇO: TESTEMUNHO NO TEMPO

Por: Carlos Mendes de Sousa (DEPL)

Mesmo quando viveu no estrangeiro, Eduardo Lourenço nunca escreveu verdadeiramente de fora. A sua interrogação escrita passou sempre pela acutilante radiografia da realidade portuguesa. Escreveu sobre os vivos que o rodeavam e foi reafirmando mais ou menos discretamente que era na literatura que melhor se via a terra desolada. Começou por ser esse um modo de abrir janelas, na era da asfixia salazarista. Ficaram os seus textos, mas também, no pós-25 de Abril, as suas intervenções, em tantos lugares públicos. Nas televisões ou nos jornais, congressos, mesas-redondas, todos nós algum dia nos cruzámos com Eduardo Lourenço. A propósito de tudo, nasciam sínteses. *Flashes* que, de certa forma, davam conta do processo da formação do ensaio.

A sabedoria e a afabilidade não têm que andar de costas viradas. Essa foi uma das suas lições. Tenho feito pesquisas em vários arquivos de escritores. O caso de Eduardo Lourenço foi muito diferente, pela oportunidade rara que se me ofereceu de trabalhar de perto com o próprio autor, num plano de “Obras Completas” [vide imagem *infra*]. E, acima de tudo, pelo facto de esse trabalho ter sido marcado pela sua excepcional capacidade de ouvir o outro, com bonomia e um admirável sentido de humor.

O ensaísta quis dar um testemunho no tempo, marcado pela urgência do dizer, sentindo os dilaceramentos do devir histórico e cultural. Nesse caminho, fez-se acompanhar dos poetas, reflectiu com eles. No Eduardo Lourenço cronista do nosso tempo, português e universal, está profundamente inscrito o leitor de poesia. Quase tudo desagua nessa visão fundadora em que o real é criado pela palavra, em que o poético é mais real que o real. Numa entrevista, ao visitar *Tempo e Poesia*, afirmou que neste livro “a ideia da relação entre verdade e tempo não se desenvolve por mediação da filosofia propriamente dita, mas por mediação dos próprios poetas”. Vivendo por dentro o desassossego da modernidade, elegeu os poetas modernos para a sua leitura de eleição e acompanhou-os no desespero que vem do abandono a que os deuses nos votaram. Ao lado dos poetas ergueu também ele uma tapeçaria tão verdadeira quanto poética. Um lugar equipolente ao poema.

